



**autoNext24**

facebook/AutoNext24  
por: Ricardo Martins

## TESLA MODEL Y. O CARRO MAIS VENDIDO DO MUNDO!

Os números referem-se ao primeiro trimestre de 2023, e o que Elon Musk tinha antevisto o ano passado, confirma-se: O Tesla Model Y é o carro mais vendido do mundo, com o SUV da marca norte americana a sobrepôr-se ao Toyota Corolla pelo título, com o expressivo número de 267.171 Model Y vendidos no primeiro trimestre de 2023, o que deixa antever que será o carro mais vendido do mundo em 2023.



Como se esperava, a China foi o mercado onde o modelo da Tesla mais vendeu, 94.469, mais de um terço das vendas mundiais. Nos EUA, foram vendidos 83.664, um pouco menos de um terço e na Europa, as vendas ascenderam a 71.114. Com estes números o Model Y foi o modelo mais vendido na Europa no primeiro trimestre, a primeira vez que um modelo da Tesla o consegue.



Por curiosidade, o Tesla Model Y foi o carro que mais vendeu mas logo a seguir ficaram o Toyota Corolla, Toyota Hilux, Toyota RAV4 e Toyota Camry, de acordo com os mesmos dados. Como se percebe, o Model Y é o único totalmente elétrico neste top.



Chrystello\*

## Queremos mentiras novas

Vivo em Portugal e não no reino da Alice no País das Maravilhas, embora, muitas vezes, não consiga distinguir um do outro. Várias vezes, noutras ocasiões penso que estou a reviver num país da “República das bananas”, termo cunhado pelo escritor americano William Sydney Porter, conhecido como O. Henry, no conto *O Almirante*, de 1904. Noutros dias penso que vivo num pesadelo e que vou acordar e libertar-me, mas quando abro os olhos lá estão os canais miserabilistas de TV do nosso descontentamento a alertar-me para esta realidade e aí tento refugiar-me na visão quântica de que a realidade não existe. Há momentos em que chego a pedir que seja verdade vivermos num mundo holográfico, tipo “Matrix”, em que somos apenas peças num jogo de computador.

Já não suporto mais mentiras velhas como as do Presidente da República, do Primeiro-Ministro, dos ministros todos, dos secretários de estado, dos adjuntos, dos assessores, dos chefes de gabinete, dos diretores a nível nacional, ou, ao nível arquipelágico do Presidente do GRA, dos Secretários, dos Diretores Regionais (mesmo aqueles que nunca tinham parecido na RTP-A e nem sabíamos que existiam).

Já não suporto mais investigações e prisões preventivas de alegados corruptos, seja no futebol, seja na política, eterna novela que se desenrola ao longo de anos em que nunca os culpados o são, nem vão presos, ou têm penas suspensas, ou os

crimes prescrevem e nunca ninguém é responsabilizado nem os contribuintes reembolsados dos milhões que lhes extorquiram.

Quanto mais leis o país tem, menos elas se aplicam, nem são verificadas, nem fiscalizadas, nem aplicadas pois há sempre mais “buracos” por onde os alegados culpados se escapam.

Vejo filmes de pessoas nos confins do Canadá, à pesca ou na caça, e sem vigilância nem polícias nem autoridades num raio de milhares de quilómetros recusam-se a pescar ou caçar mais do que o legalmente estipulado. Sem mentiras bacocas, ou chico-espertices bacocas e saloias tipo José Sócrates.

Lembro-me dos meus anos na Austrália e dos multimilionários que conheci, cuja maioria foi presa e cumpriu pena, apesar de tentarem mudar a posse de bens para esposas e filhos, apesar de pagarem milhões aos melhores e mais caros advogados. Aqui são esses mesmos advogados que ou são deputados u escreveram as leis.

Depois admiram-se com populismos como nos EUA, Brasil Itália, Hungria, Polónia, e tantos outros países (e em breve em Portugal)

Por isso, meus amigos subscrevo o grafitti abaixo QUEREMOS MENTIRAS NOVAS.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

## Liberdade e felicidade genuína

«Todos os homens desejam a felicidade, mas ao tentar descobrir o que os torna felizes, vão a tatear com muitas dificuldades». Esta frase é atribuída a Séneca e continua a ser muito atual.

Se nos perguntarmos honestamente o que é que nos faz verdadeiramente felizes, dar-nos-emos conta de que a resposta não é nada evidente: exige sinceridade, esforço e a coragem de não nos deixarmos arrastar pelo mais fácil e prazenteiro.

As virtudes, já diziam os antigos gregos, são belas e atraentes, mas exigem esforço e capacidade de sacrifício. Pelo contrário, os vícios, que nos prejudicam e nos tornam piores, são muito mais fáceis de pôr em prática.

E quantas pessoas, de todas as épocas históricas, procuram neles a sua felicidade!

Nesta vida há imensos paradoxos e a felicidade é um deles: todos desejam ser felizes e quase todos se queixam porque não o são.

Como diz Luís Rojas, para encontrar a felicidade devemos ter a capacidade de suportar o sofrimento porque, para gozar

de um amor autêntico, é necessária a renúncia, que aparenta limitar a nossa liberdade.

Parece completamente paradoxal que, para alcançar a verdadeira liberdade, devamos dizer livremente que não a muitas coisas que nos apeteçam mas não nos convêm.

Quando pensamos em pessoas que passaram à história pelo modo como viveram a sua liberdade, o que é que destacamos na sua vida?

É óbvio que não as admiramos porque sempre escolheram a sua comida favorita (sinal de uma liberdade de eleição, que não é a única dimensão nem a mais importante da liberdade). Também não as admiramos porque trocaram “livremente” e frequentemente de companheira(o) sentimental.

Admiramos, sim, pessoas que souberam libertar-se de tudo aquilo que as pudessem “escravizar” (egoísmo, comodismo, etc.) e entregaram plenamente a sua vida a algo (uma causa valiosa) ou a alguém, com generosidade.

E são exemplos admiráveis de liberdade e de felicidade genuína, precisamente porque souberam ser fiéis a essa entrega até ao final da sua vida.